



4

FRANCISCO DE OLIVEIRA

UM ASSALTO CONTRA
A BUROCRACIA



Mario Vargas Llosa é conhecido do público latino-americano pelas suas vigorosas *La ciudad y los perros* (traduzido no Brasil e publicado sob o título de *Batismo de fogo*, em excelente versão diga-se de passagem), *La casa verde* e *Conversaciones en la Catedral* (em dois volumes); peruano de 37 anos, Vargas Llosa inscreve-se na grande renovação da literatura latino-americana dos últimos 20 anos, de cujo conhecimento, o público brasileiro, pela barreira do idioma e, em parte, pelos preconceitos editoriais, tem sido privado: ao lado

dos já conhecidos Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Gabriel Garcia Márquez (sobre cuja obra o próprio Vargas Llosa tem um magnífico ensaio), e Miguel Angel Asturias toda uma plêiade que incluiria necessariamente os mexicanos Carlos Fuentes, Octávio Paz, Juan José Arreola e Juan Rulfo. Vargas Llosa talvez não seja — e aqui é um terreno mais adequado para a crítica especializada — ao lado dos demais, precisamente, um romancista do fantástico ou do realismo fantástico. De certa forma ele é um realista; sem que com isso se queira dizer que a riqueza da imaginação lhe seja uma qualidade ausente, muito ao contrário; também não é um romancista do absurdo. Seu terreno é outro: os temas sociais mais que a problemática do indivíduo são a matéria de sua novelística. Ao lado disso, entretanto, a renovação da técnica novelística e da linguagem é o seu forte, numa linha que é a continuadora em sentido universal de Joyce e Virginia Woolf. A técnica de utilização de vários planos e tempos da narrativa, fundindo passado, presente e futuro, é explorada por Vargas Llosa na intensidade máxima.

Pantaleón y las visitadoras (Editora Seix Barral, de Barcelona, Espanha, 1973), é sua última obra. Espalhadas pela imensidão da Amazônia peruana, as guarnições militares do Exército, da Armada e da Força Aérea peruana têm uma permanente dor de cabeça, que termina por atingir os altos escalões: a falta de mulheres e os arbítrios que a tropa reprimida pratica na liberação de sua libido; assaltos, “curras”, estupros, se sucedem quando há o estouro da boiada. Os escalões superiores encontram uma saída: criar um serviço, adicto às Forças Armadas, mas mantido sob rigoroso sigilo, que se encarregue de levar às guarnições o consolo do sexo. Para tanto, destacam para a longínqua Iquitos, um jovem e talentoso oficial de Intendência, conhecido pela sua brilhante folha de serviços, em que a eficiência — uma qualidade burocrática — é o ponto alto. Pantaleón Pantoja, capitão do Exército, é essa figura. Com a oposição ora aberta, ora velada, de comandantes militares e capelães, Pantaleón ou Panta, entrega-se a sua tarefa. Realiza previamente estudos de demanda, traça curvas de atendimento, estuda as condições da oferta, e chega a estabelecer o ponto ótimo do atendimento da “plenitude viril”, onde as curvas de demanda e oferta se cruzam, como em certos manuais de economia. Sendo oficial de intenção, organiza detalhadamente todo o serviço — que

havia aceito a contragosto — até as minúcias: ele mesmo “provará” cada candidata a “visitadora”, a fim de perceber-se da “qualidade” do serviço a ser oferecido. Em pouco tempo o serviço, cuja sigla será SVGPFA — Servicio de Visitadoras para Guarniciones, Puestos de Frontera e Afines — é um êxito completo, e a demanda cresce à medida que a capacitação da oferta lhe corresponde.

Nesse meio tempo, criatura e criador se confundem e trocam de papéis. Panta, de homem comedido e mesmo sem nenhuma experiência anterior de comércio do sexo, se transforma num tremendo Falo, com a conseqüência, tradicional sob esse aspecto, de separar-se da mulher; o SVGPFA pouco a pouco começa a absorver partes incrementadas do orçamento do Exército, e, de consolo das guarnições, passa a ser o “leit motiv” da soldadesca; o sigilo somente existe nas partes e informes militares: o SVGPFA é, para a população local inicialmente e depois para todo o país, um segredo de Polichinelo. Panta é um tipo estranho: leva, contraditoriamente, ao paroxismo suas duas funções: a de empresário do “mal viver”, convencido de que está prestando um serviço ao Exército e à Nação. O clímax é atingido quando comparece devidamente uniformizado de capitão do Exército ao enterro de uma das “visitadoras”, a mais apreciada, que é justamente também sua “querida” (um detalhe: mesmo sua “querida” oferece regularmente seus serviços à soldadesca, o que de certa forma expressa a unidade do ego alienado de Panta), e obriga a uma unidade do Exército a prestar honras militares à prostituta assassinada. A trama é tecida, paralelamente, com a eclosão na Amazônia peruana, de uma seita religiosa fanática e radical, cuja forma mais extrema de ritual termina por ser a crucificação dos seus próprios adeptos. A novela termina com a dissolução do SVGPFA, a exterminação da seita do Hermano Francisco, e uma exemplar punição para o capitão Pantaleón Pantoja. O rio-mar continua a fluir em direção ao seu destino predeterminado desde suas cabeceiras.

De novo aqui em *Pantaleón y las visitadoras*, Vargas Llosa se renova. Ao lado de uma conquista anterior, qual seja a de planos e tempos distintos na narrativa, ele agrega elementos tais como a transcrição por inteiro de partes, regulamentos, ordens de serviço emanados das autoridades, transcrições de emissões radiofônicas e reportagens de jornal. Com o mais absoluto respeito à linguagem da estrutura própria desses tipos de documentos e textos falados e escritos, Vargas Llosa usa com o maior rigor o eufemismo hermético, próprios dos documentos burocráticos, e a linguagem ex-barroca que se transforma em “kitsch” de jornais e emissoras de rádios provincianos (quanto a emissões radiofônicas, nem sempre e nem apenas provincianas). Sem querer alongar-me sobre as qualidades propriamente estilísticas do autor, convém sublinhar a maleabilidade com que utiliza seu idioma, o ritmo que lhe imprime, a incorporação do falar do povo numa estrutura que põe à prova a unidade de significado e significante, sem descambar para o folclorismo nem sucumbir à tentação de intelectualizar as expressões

populares. A narrativa tem momentos de síntese de uma ascese vocabular dificilmente atingida, tanto quando se detém sobre simples fatos de quotidiano familiar, como quando toma a voz do Hermano Francisco: “— Que ni los vecinos deben saber que eres un capitán? — refriega vidrios, baldea suelos, pinta paredes, se asusta Pochita” ou “En el nombre del Padre y del Espiritu Santo y del Hijo que Murió en la Cruz — eleva los ojos a la noche, baja los ojos a las antorchas el Hermano Francisco —. Mis mano — están amarrados, el leño es ofrenda, persíg-nense por mi.”

Em verdade, o tema de Vargas Llosa em *Pantaleón y las visitadoras* é o da alienação do homem, que se transforma dialeticamente no pesadelo da alienação social e das instituições. Diferentemente de um Kafka, que posiciona o indivíduo alienado frente às instituições sociais, ou dos Orwell e Huxley, que extrapolam a alienação de hoje para uma sociedade do futuro, Vargas Llosa vai ao âmago da questão da constituição das estruturas alienantes. Seus personagens são os homens perdidos em meio à uma natureza hostil não em si mesma, — ele não cai na armadilha do “Inferno Verde” — mas tornada hostil pelo tipo de atividade social que ali tem lugar: trata-se tão somente de implantar guarnições para defender fronteiras, ou em outros casos, de explorações econômicas de natureza extrativa, que é também um modo de abrir fronteiras espaciais baseado numa exploração desumana. Ilhado, perdido, errante, ou vegetando parasitariamente em cidades-sedes do aparato burocrático, o homem amazônico não percebe o outro, e a violência explode no desregramento sexual amotinado ou no fanatismo religioso.

A essas questões, a burocracia responde com soluções burocráticas. À repressão da libido gestada em longos meses de isolamento, a burocracia responde com a criação de um serviço de prostituição oficial; à violência do fanatismo religioso, a burocracia responde com a exterminação do fanático. E aqui reside um grande momento da criação de Mário Vargas Llosa: a solução ainda mais alienante cobra seus direitos e rapidamente ameaça com alienar a própria estrutura alienante. Manter o SVGPPFA e perseguir “los hermanos” começa a deslocar o eixo da tarefa básica do aparato militar, que é guarnecer fronteiras e vigiar a exploração extrativa da selva. Mas, tragicamente, a burocracia é lúcida: nesse momento, cessam as preocupações com a satisfação da libido reprimida dos soldados e com o manter “los hermanos” dentro dos moldes tomados das religiões oficiais; a própria sobrevivência da burocracia voltada primordialmente às suas funções de guardiã das fronteiras e simulacro da ordem num mundo desordenado, emerge como a necessidade mais imediata. A burocracia não resistiria à sua própria alienação; o Serviço de Visitadoras é extinto e os fanáticos são eliminados. A vida volta ao normal na Amazônia peruana. Cada homem só com sua alienação, pois essa é a condição para manter-se a alienação de todos eles.